# IA na base da antítese homem-máquina - 12/10/2021

\_Mostra que nosso cérebro não é um computador que processa informações baseado  
em regras\*\*[i]\*\*\_  
  
Crítico da Inteligência Artificial (IA), postula que é impossível que uma  
máquina simule nossa inteligência a partir do processamento de fatos baseado  
em regras, com argumentos oriundos de Heidegger, Merleau-Ponty e Wittgenstein.  
  
Dreyfus contesta o “modelo de processamento da informação” desenvolvido no  
laboratório RAND a partir de 1950[ii], atribuindo-o ao esquema de  
representação presente em Descartes, pelo qual nossa compreensão é formada por  
representações de objetos que, sendo complexas, poderiam ser simplificadas  
pelo método analítico[iii]. Essa formalização busca tratar qualquer  
conhecimento cotidiano por meio de regras, reduzindo a semântica à sintaxe e  
reproduzindo nossa inteligência em um computador e convencionando-nos objetos.  
  
Então, objeta Dreyfus, há um pano de fundo em nossas ações que nos habilita  
lidar com coisas e pessoas, além de meras informações sobre elas e, mesmo se  
vamos aprendendo coisas através de regras, tendemos no final a não as usar  
conscientemente. Aliam-se nossos interesses e sentimentos e a tarefa da  
máquina torna-se inatingível. Conforme Dreyfus, trata-se de um  
“representacionalismo” que se baseia em características fixas não contextuais  
que deveriam se espelham em nossa mente de forma proposicional. Entretanto, a  
experiência fenomenológica ensina que, para agirmos, estamos envolvidos sempre  
em uma situação e trazendo um mundo cotidiano pré-conceitual que independe de  
regras para uma ação competente.  
  
Embora os partidários da IA anunciem promissores avanços, Dreyfus mostra o  
procedimento antitético entre humanos e computadores, como nossa consciência  
periférica que consegue enfocar nas situações essenciais, como operamos por  
insights orientados ao contexto e não na base da tentativa e erro e, por fim,  
aspectos linguísticos como a “semelhança de família” de Wittgenstein, que nos  
permite ver por similaridade.  
  
Há, para Dreyfus, quatro suposições de IA: 1.) biológica que vê o cérebro como  
um processador de informações como um comutador \_on-off\_ , 2.) psicológica com  
a mente operando sobre regras formais "sem envolvimento", 3.) epistemológica  
pela formalização do conhecimento mediante termos, funções, etc. e 4.)  
ontológica considerando a informação a ser analisada independente da situação.  
Elas seriam tomadas como verdade não aceitando contraposições como a  
possibilidade do cérebro processar informação analogicamente[iv], que nossa  
mente leva em conta o significado, que nosso comportamento extrapola  
exatamente o que tomamos como dados e regras, ancorando a realidade em um  
fisicalismo e, não menos importante, nossa subjetividade na qual é  
extremamente difícil deduzir todas as situações a partir de estados físicos.  
  
Cupani encerra resumindo a posição de Dreyfus que, se crítico da redução da  
inteligência humana a programas de computador se associando a Churchland e  
Searle, não se fecha as contribuições como cálculos e controle de maquinarias  
e processos. Porém, para ele, é mais fácil uma subinteligência humana se  
aproximar do computador que esse último se tornar superinteligente. Isso  
porque há níveis de comportamento inteligente humano que não poderiam ser  
modelados pela máquina.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Conforme Cupani, Alberto. \_Filosofia da tecnologia: um convite\_. 3. ed. -  
Florianópolis: Editora da UFSC, 2016. Capítulo 5 – Filosofia fenomenológica da  
tecnologia. 5.2 \_Hubert Dreyfus e a crítica da razão artificial\_.  
  
[ii] Detalhamento da crítica pode ser encontrado em  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/06/ia-do-representacao-  
cognitiva-ao.html>.  
  
[iii] Cupani filia essa ideia à tradição que vem dos gregos que busca a  
certeza eliminando opinião, intuição, etc., que fazem parte da vida normal. A  
formalização do conhecimento passaria por Hobbes, Leibniz, Kant, Frege, Boole,  
Babbage, até Turing e Shannon e, por fim, Newell-Simon, do laboratório.  
  
[iv] Aqui um contraponto a Shannon:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/12/informacao-godeliana-anti-  
ia.html>.